

## O DISCURSO RELIGIOSO REPORTADO EM *MEMES*: TONALIDADES VALORATIVAS E RELAÇÕES DIALÓGICAS

**Raniere Marques de Melo**

Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (UFPB)

Doutorando em Linguística (PROLING/UFPB)

**RESUMO:** Neste artigo, na concepção bakhtiniana da linguagem, concebemos os *memes* como gêneros discursivos e, assim sendo, repletos de enunciados de diferentes orientações socioideológicas. Esses enunciados disseminam dadas posições valorativas dos discursos sociais, como o religioso. Portanto, o *meme*, enquanto enunciado concreto, é prenhe de apreciações, de posições apreciativas que expressam determinadas valorações e revelam um dado *projeto de dizer*, por meio do *discurso reportado*, por exemplo. Consoante a isso, este trabalho analisa as tonalidades valorativas e as relações dialógicas, marcadas pelo discurso reportado, instituídas em *memes* que tratam do discurso religioso, em comunidades do *Facebook*. Nossa análise fundamenta-se no domínio teórico-metodológico centrado na perspectiva dialógica da linguagem oriunda das reflexões de Bakhtin e do Círculo, bem como os estudos discursivos que se orientam por ela. Quanto ao delineamento metodológico, a pesquisa é de cunho qualitativo-interpretativista, pautada no método netnográfico. O corpus é composto por dois *memes* coletados na rede social *Facebook*. As análises reforçam a tese de que tais enunciados refletem e refratam o posicionamento do enunciador em relação àquilo que anuncia. Tais enunciados promovem, através do discurso citado, retematizações e reacentuações, com vistas a refutar, denunciar e criticar alguns pastores neopentecostais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Dialogismo. Valoração. *Memos*.

**ABSTRACT:** In this article, in the bakhtinian concept of the language, we conceive the *memes* as discursive genres and, that way, filled with statements of different socio-ideological orientations. These statements disseminate some given evaluative positions of the social discourses, such as the religious. Therefore, the *meme*, as a concrete statement, is full of conceptions, of appreciative positions that express certain values and reveal a given *projeto de dizer* (project of saying), through the *discurso reportado* (reported discourse), for instance. In agreement with this, this article analyzes the evaluative tonalities and the dialogical relations, marked by the reported discourse instituted in *memes* that deal with the religious discourse in Facebook communities. Our analysis is based in the theoretical and methodological domain centered in the dialogical perspective of the language from Bakhtin reflections and reflections of the Circle, as well as the discursive studies that are oriented by this perspective. In relation to the methodological lineation, the research is interpretative and qualitative, guided by the Netnographic Method. The corpus is composed by two *memes* which were collected in Facebook. The analysis reinforces the thesis that such statements reflect and refract the position of the speaker towards what is being announced. Such statements promote, through the cited discourse, re-themes and reemphasis, with the intention of refuting, denouncing and criticizing some Neo-Pentecostal clergymen.

**KEYWORDS:** Dialogism. Valuation. *Memos*.

## INTRODUÇÃO

Os textos que circulam no meio virtual possuem uma linguagem portadora de multissemiose, pois sinalizam uma produtiva relação com a tecnologia, unindo à palavra, imagens, links, hiperlinks, sons, cores e movimentos. Como fruto dessa articulação, nascem os GIF, hipertextos, as hiperfídmias, os infográficos, o *meme virtual*, doravante *meme*. O gênero discursivo *meme*<sup>1</sup> circula em algumas redes sociais como *Facebook*, *WhatsApp* e *Instagram*, e é evidentemente caracterizado por uma linguagem curta e de leitura rápida, bem como constituído por novas estéticas e por uma hibridização feita com a palavra, a partir de uma junção entre imagens, fotos, frases e os *emoticons*.

Como são de ampla circulação virtual, escolhemos para nosso objeto de pesquisa somente aqueles que circulam no *Facebook*, uma vez que esta é a maior rede social do mundo com mais de um bilhão de usuários e com participação de 91,6% pessoas com idade entre 25-34 anos, segundo dados da ComScore. Enquanto recorte de uma pesquisa mais ampla<sup>2</sup>, este trabalho visa analisar as posições valorativas e as relações dialógicas, presididas pelo mecanismo enunciativo do discurso citado, nos *memes* que tratam do discurso religioso, em comunidades do *Facebook*.

Por se reportar a diferentes temas sociais, escolhemos dois *memes*, de diferentes comunidades, que são atravessados pelo discurso religioso, mais especificamente aqueles que atribuem significados, valorações aos líderes religiosos Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Silas Malafaia, pastores neopentecostais. A escolha desse objeto não é aleatória, pois está orientada, *a priori*, por um acontecimento midiático, que tem espessura histórica e a cada dia se reatualiza: a publicação de uma matéria jornalística publicada pela revista *Forbes* no Brasil, em janeiro de 2013<sup>3</sup>. O discurso produzido por essa matéria caracterizava os pastores supracitados como os mais ricos do Brasil.

---

<sup>1</sup> Neste trabalho, concebemos o *meme* como gênero discursivo, conforme a teoria de Bakhtin. Retornaremos a essa discussão mais ampla, no capítulo de revisão teórica.

<sup>2</sup> Este artigo consiste em um recorte da dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PROLING/UFPB), em fevereiro de 2018.

<sup>3</sup> Para ler a matéria na íntegra, acesse: <<https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/01/17/the-richest-pastors-in-brazil/#4d8ca4705b1e>>.

Diante disso, toda a produção de sentido e apreciações valorativas feitas aos pastores nessa matéria os colocam em um lugar de tensão e conflito social. E esta é a função do analista do discurso: ler, *desler*<sup>4</sup>, analisar e desnaturalizar os discursos que estão nesse lugar social ou que se filiam a esse evento enunciativo. Sob essa ótica, compreendemos que discursos se materializam em *memes*, já que estão em circulação no social, promovendo interação entre dois sujeitos – aquele que produz e o que lê; ademais, são sempre constituídos por uma enunciação, como “projeto de dizer” desses sujeitos enunciadore. Assim, verificamos que há, nessa arena de tensão, um “querer-dizer” direcionado aos interlocutores/leitores.

Quanto à escolha do tema, o discurso religioso é, de fato, um campo rico e produtivo para uma leitura dialógica e discursiva, pois, nesse caso, traz um constante diálogo com as representações sociais de pastores, além de funcionar como um lugar de denúncia às práticas sectárias e até mesmo àquelas de extorsão da fé por meio do dinheiro

## **SOBRE OS MEMES**

Os *memes*, sob o prisma da teoria da comunicação via *web*, são considerados o conteúdo mais prolífico e infeccioso da internet. Sua forma e performance pode ser considerada uma evolução dos chamados *emoticons*, “[...] nome dado a uma sequência de caracteres tipográficos ou umas imagens simbólicas, que representam o rosto humano e expressam as emoções dos participantes no processo de comunicação.” (JABLONKA, 2012, p. 111). Sob essa reflexão teórica, compreendemos que os *emoticons* não foram suficientes para os usuários da rede, pois além de caírem no ostracismo, referendavam um domínio monótono. Ainda para esse teórico, o motivo que provocou a irrupção do memes da internet se deu pelas seguintes razões: “[...] expressar as emoções nas situações em que faltam os meios não verbais, expressar a sua atitude perante os assuntos tratados na conversa virtual.” (JABLONKA, 2012, p.112).

Quanto ao valor social e à transmissão, os *memes* são transmitidos, essencialmente, entre os usuários da rede. Em decorrência da viralidade, da propagação rápida, eles são considerados fenômenos culturais sociais que ultrapassam a relação entre pessoas. “Essa relação entre o nível micro do compartilhamento individual e o nível macro do alcance social

---

<sup>4</sup> A arte de “desler”, na concepção de Demo (2006), significa a habilidade de “contraler”, a autonomia de contrainterpretar, de brigar com o autor. Leitura, nessa concepção, é concebida com gesto.

tornam os *memes* particularmente importantes para se entender a cultura contemporânea.” (MARTINO, 2015, p. 178). No tocante a isso, entendemos que:

A presença de memes é relacionada ao capital social, na medida em que a motivação dos usuários para espalhá-las é, direta ou indiretamente, associada a um valor de grupo. Por exemplo, as pessoas que espalham os recados com imagens acreditam estar fazendo algo positivo, que deixará aquele que recebeu a mensagem contente. (RECUERO, 2009, p. 130).

Em geral, a função principal dos *memes* é divertir, disseminar, de forma humorística, histórias engraçadas e, com isso, comentar a realidade por meio de frases curtas agregadas às fotografias, desenhos, figuras. Quanto à estruturação, são formatados com frases curtas, geralmente sem pontuação, pois querem propagar uma ideia ou um conceito de forma fácil e acessível. Para tanto, aparecem na rede prototipicamente formulados a partir de imagens, *hashtag*, *emoticons*, GIF, entre outras.

Segundo as contribuições teóricas de Bakhtin e de seu Círculo, o *meme* pode ser considerado como gênero discursivo porque está ligado *ao uso da linguagem em um dado campo da atividade humana*, efetua-se em forma de enunciados, em *tipos relativamente estáveis*, imbricado de um *conteúdo temático*, de um *estilo* e de uma *construção composicional* (BAKHTIN, 2016, p. 11-12).

## **SOBRE O PRINCÍPIO DIALÓGICO DA LINGUAGEM**

Em *Marxismo e filosofia da linguagem*, é interesse de Volóchinov (2017) apresentar a linguagem a partir do estatuto da interação e da enunciação. Não se trata apenas de observar as relações entre linguagem e sociedade a partir da compreensão de como essa linguagem determina a consciência ou em que medida essa linguagem é plasmada de ideologia. Para além disso, há o “[...] interesse pela natureza social dos fatos linguísticos, o que significa entender a enunciação indissolúvelmente ligada às condições de comunicação, que, por sua vez, estão sempre ligadas às estruturas sociais.” (BRAIT, 2005, p.94).

Volóchinov (2013) defende que a linguagem é um fenômeno social, uma vez que esta é imprescindível para a organização do trabalho humano e à consciência de cada homem. Desse ponto teórico extraímos, inicialmente, algumas considerações: é na/pela linguagem que há a constituição do sujeito e “[...] com a ajuda da linguagem se criam e se formam os sistemas

ideológicos.” (VOLÓCHINOV, 2013, p.155). Ora, se para esse estudioso não há consciência sem signo, logo todo signo é ideológico. Não há, pois, ideologia sem estar materializada em um signo. A linguagem, para essa concepção, não é representada pela abstração da forma linguística, mas ela é o sítio das relações sociais, da produção de sentidos estabelecida pela palavra (signo socioideológico), pela língua com o sujeito.

A partir desse mirante sobre a descrição da natureza social da linguagem, percebemos que a enunciação é sempre *orientada para outro*. A esse respeito, Volóchinov (2017 p. 204-205, grifos nossos) defende:

Efetivamente, o enunciado se forma entre dois indivíduos socialmente organizados, e, na ausência de um interlocutor real, ele é ocupado, por assim dizer, pela imagem do representante médio daquele grupo social ao qual o falante pertence. **A palavra é orientada para o interlocutor**, ou seja, é orientada **para quem é esse interlocutor**: se ele é integrante ou não do mesmo grupo social, se ele se encontra em uma posição superior ou inferior em relação ao interlocutor [...] (VOLÓCHINOV, 2017, p. 204).

Desse modo, é possível afirmar que a linguagem está sempre ligada ao tempo, ao espaço e à posição do sujeito no mundo. O diálogo, nesse sentido, compõe-se como característica imprescindível da linguagem, como intercâmbio verbal de enunciações; logo, ele é a manifestação mais natural da linguagem, que consiste em uma conversação recíproca, alcançando dois interlocutores. Como se percebe, a palavra é sempre amalgamada por duas faces determinantes: de alguém de onde procede e do outro, a quem se dirige. É ela, assim, o produto desse jogo de interação entre locutores.

Diante dessa concepção, percebe-se que o dialogismo é o princípio constitutivo da linguagem e a condição de sentido do discurso. Chama atenção, ainda, o fato de o dialogismo estar presente na vida do homem muito mais do que ele pensa, entretecendo um tecido dialógico de sentidos em torno de cada ato desse sujeito. Nesses termos, o filósofo russo assume:

A vida é dialógica por natureza. Viver significa participar do diálogo: interrogar, ouvir, responder, concordar, etc. Nesse diálogo o homem participa inteiro e com toda a vida: com os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo, os atos. Aplica-se totalmente na palavra, e essa palavra entra no tecido dialógico da vida humana, no simpósio universal. (BAKHTIN, 2011, p. 348).

Em primeiro lugar, deve-se observar que as relações sociais que envolvem o homem são relações dialógicas. Como se percebe, o estatuto do dialogismo, nesse primeiro momento, relaciona-se ao que conhecemos como alteridade, já que o *outro* é indispensável na constituição desse sujeito, isto é, torna-se inconcebível pensar o homem afastado das relações que o ligam ao outro.

## **O ENUNCIADO CONCRETO**

Para Bakhtin (2002), o Enunciado Concreto é a unidade de comunicação verbal, aquela que forma os gêneros discursivos. Reporta-se sempre a um evento real, em um contexto específico de comunicação, amalgamado de aspectos sociais, históricos e ideológicos. Possui sempre um acabamento e pausas reais, já que é o locutor que lhe confere uma tonalidade específica de dizer. Diferentemente da oração quanto aos outros aspectos, é orientado para um interlocutor; em outros termos, é um *projeto enunciativo* de alguém para outro alguém.

Nessa perspectiva, o enunciado se define a partir de uma concepção de língua dinâmica, a partir de seu funcionamento real e concreto. Ele é conduzido por um vínculo social que lhe dá o estatuto da alternância de enunciadore. É, ainda assim, o produto de vivências subjetivas e históricas de cada sujeito que não pode ser encerrado, única e minimamente, em cláusulas constituídas por formas de uso gramatical; contudo, é dotado de uma dada expressividade emotiva que organiza o uso dessa forma, atribuindo-lhe a produção de sentidos construídos no social.

Desse modo, o sentido da palavra, do enunciado não está dado *a priori*; está determinado por uma situação extraverbal que se concretiza na interação entre enunciadore. Ora, se o enunciado é concebido no social, a palavra que a ele pertence não pode ser congelada, pois não é neutra, tampouco unívoca. Não pode homogênea, pois ela desliza-se, atualiza-se em cada enunciação. Ela é, pois, objeto de expressividade e de valoração.

Segundo Bakhtin, o enunciado, unidade real do discurso, pode ser falado ou escrito, pressupõe um ato de comunicação social. E nesse processo enunciativo há uma interação entre os sujeitos falantes. Ao ouvir e compreender um enunciado, o interlocutor assume uma postura responsiva e não passiva, isto é, posiciona-se diante do enunciado, seja acordando, divergindo, complementando, enfim, posicionando-se no ato enunciativo.

## O TOM VALORATIVO EM BAKHTIN

Bakhtin, em “O problema do conteúdo, do material e da forma”, publicado em 1924, concebe

Por aspecto entonacional da palavra compreendemos a sua capacidade de exprimir toda a multiplicidade das relações axiológicas do indivíduo falante como o conteúdo do enunciado (no plano psicológico a multiplicidade das ações emocionais e volitivas do falante). [...] A atividade do autor torna-se a atividade de uma avaliação expressa, que matiza todos os aspectos da palavra: a palavra invectiva, acaricia, é indiferente, denigre, decora, etc. (BAKHTIN, 2002, p. 64-65).

Com base nessa assertiva teórica, a palavra do enunciado congrega os movimentos de interpretação, os pontos de vista e a expressividade do sujeito enunciador. Contudo, a “[...] a emoção, o juízo de valor e a expressão são estranhos à palavra da língua e surgem unicamente no processo do emprego vivo da enunciação.” (BAKHTIN, 2016, p.51). Esse aspecto da tonalidade apreciativa é gestado pelas relações axiológicas, pelos valores ético-morais atribuídos do enunciador para o conteúdo do objeto do discurso. Ademais, são as ações expressivas dotadas de aspectos emotivos e volitivos do falante que tornam a palavra acentuada de um dado tom apreciativo. Emoção e volição representam, nessa ordem, expressividade e desejo do falante, isto é, o objeto do seu discurso é abalizado por aquilo que esse enunciador toma como parâmetro social para avaliar, comensurar, ornamentar, por exemplo.

## O DISCURSO REPORTADO

Esta é uma das formas de manifestação do dialogismo na linguagem. A respeito da incorporação do discurso reportado no enunciado, Fiorin (2016) afirma que há duas formas de se inserir o outro no enunciado: o *discurso citado* – identificável, isto é, nitidamente separado do discurso citante, o que Bakhtin nomeia de discurso objetivado; o *discurso bivocal* – internamente dialogizado; por isso, não há indícios no fio discursivo da diferença entre o discurso citante e o reportado.

Contudo, independente da forma de incorporação do discurso de outrem, os enunciados são sempre constitutivamente ideológicos, históricos, pois em qualquer que seja o domínio da vida,

[...] nossa fala contém em abundância palavras de outrem, transmitidas com todos os graus variáveis de precisão e imparcialidade. Quanto mais intensa, iferenciada e elevada for a vida social de uma coletividade falante, tanto mais a palavra do outro, o enunciado do outro, como objeto de uma comunicação interessada, de uma exegese, de uma discussão, de uma apreciação, de uma refutação, de um reforço, de um desenvolvimento posterior, etc., tem peso específico maior em todos os objetos do discurso. (BAKHTIN, 2010, p. 139).

O discurso reportado (ou discurso alheio, ou discurso de outrem, ou relatado) trata, grosso modo, da inclusão de outro discurso dentro de um determinado tema, como forma de retomar ou inserir um novo ponto de vista. Para Volóchinov (2017, p.249), “[...] o ‘discurso alheio’ é o discurso dentro do discurso, mas ao mesmo tempo é também o discurso sobre o discurso, o enunciado sobre o enunciado.”, já que carrega a presença explícita da palavra de outrem na construção do enunciado.

Contudo, Faraco (2009, p.140) alerta-nos que “[...] reportar não é fundamentalmente reproduzir, repetir; é principalmente estabelecer uma relação ativa entre o discurso que reporta e o discurso reportado; uma interação dinâmica dessas duas dimensões”. Nesse sentido, o sujeito-autor, aquele que se reporta à enunciação de outrem consegue construir um discurso multivocal e administra essa pluralidade discursiva, através de diferentes técnicas para reger esse coro de vozes.

Ora, se reportar não pode ser tomado como reproduzir, implica dizer que se trata de uma operação de diálogo, de avaliação, de confirmação, de concordância, de negação, de questionamento e de refutação daquilo que é o discurso fonte. Por isso, concordamos com Cunha (2005, p. 112), quando defende que “[...] essa operação é de um enxerto entre dois tecidos. A inserção de uma citação supõe o trabalho do sujeito que cita, que o fragmento de discurso selecionado não é neutro para o receptor”. A esse respeito, essa pesquisadora defende que estão imbuídos no ato de seleção e de inserção do discurso alheio o julgamento, a avaliação e a valoração daquele que o faz. No tocante a isso, compreendemos que toda comunicação discursiva,

[...] todos os nossos enunciados (inclusive as obras criadas) é pleno de palavras dos outros, de um grau vário de alteridade ou de assimilabilidade, de um grau vário de aperceptibilidade e de relevância. Essas palavras dos outros trazem consigo a sua expressão, o seu tom valorativo que assimilamos, reelaboramos, e reacentuamos. (BAKHTIN, 2016, p.54).



Destarte, é compreensível afirmar que esse discurso reportado não se exaure na citação, dado que, como afirmamos anteriormente, expressa uma apreensão valorada da palavra de outrem. Contudo, “[...] a palavra reportada se torna parte da palavra que reporta e que, portanto, tem que, de qualquer modo, compor-se com esta, torna o diálogo da palavra na palavra bem diferente do diálogo comumente entendido.” (PONZIO, 2011, p. 31). Diante disso, percebe-se uma relação ativa entre a palavra, como amálgama de dois discursos, o que nos leva a entender que o discurso fonte pode ser mais ou menos marcado por aquele que ele recupera ou pode ser relativamente percebido por aquele a quem é o destinatário.

Por fim, saliente-se a produtividade dessa concepção dialógica da linguagem para os estudos de discurso, pois não se ocupa de, a partir de uma análise histórica, ver o texto apenas como um documento de descrição de uma dada época, mas “[...] transformar-se numa fina e sutil análise semântica, que vai mostrando aprovações ou reprovações, adesões ou recusa, polêmicas ou contratos, deslizamentos de sentido, apagamentos, etc.” (FIORIN, 2016, p. 65).

Retornando à compreensão sobre discurso reportado, entendemos que, se a palavra é tomada a partir do discurso reportado, todo enunciado é matizado por relações dialógicas; logo todo enunciado é concreto e vivo, do qual trataremos mais à frente. De forma análoga ao discurso reportado, o enunciado de outrem penetra a estrutura de outro enunciado na cadeia da comunicação discursiva, a fim de promover relações dialógicas e ideológicas.

## **O TOM VALORATIVO EXPRESSO ATRAVÉS DO MECANISMO DO DISCURSO REPORTADO**

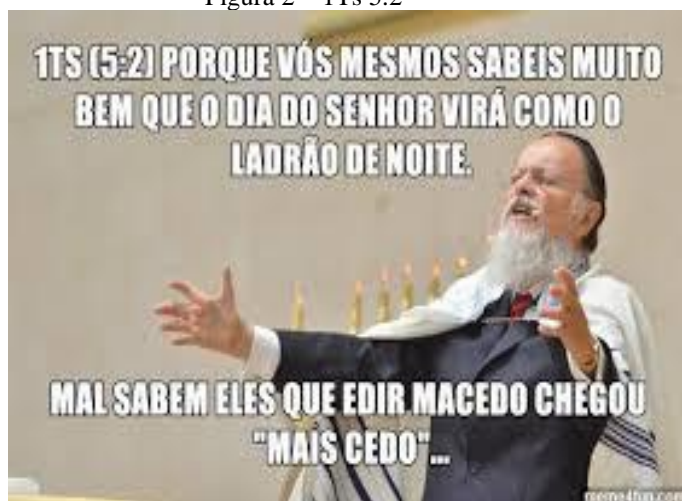
A partir deste item, iniciaremos o mesmo percurso de leitura e análise dos *memes*, em função da regularidade de aspectos, da produtividade e objetividade desta seção analítica. Vejamos, então, os enunciados correspondentes às figuras 1 e 2.

Figura 1 – 2 Co 11:27



Fonte: Facebook – Não tá na Bíblia<sup>5</sup>

Figura 2 – 1Ts 5:2



Fonte: Facebook – Edir Macedo da Depressão<sup>6</sup>

Nesses dois *memes*, oriundos de comunidades diferentes, encontramos uma mesma regularidade discursiva e enunciativa: o discurso reportado (ou discurso de outrem), que correspondem a versículos do Novo Testamento da Bíblia, cujas autorias pertencem unicamente ao apóstolo Paulo, conhecido, também, como Paulo de Tarso.

<sup>5</sup><[https://scontent.fcpv31.fna.fbcdn.net/v/t1.09/17952927\\_1906845159530253\\_7571791609833255251\\_n.jpg?oh=9b92294e45af610ea60a0a005b2c4e10&oe=5AF6B87D](https://scontent.fcpv31.fna.fbcdn.net/v/t1.09/17952927_1906845159530253_7571791609833255251_n.jpg?oh=9b92294e45af610ea60a0a005b2c4e10&oe=5AF6B87D)> Acesso em 13/07/2017.

<sup>6</sup><[https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSteCSQQ1\\_T8kUjhKvWQigg1I1xZl6RixQnNBlt7SG586akDgEPA](https://encryptedtbn0.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcSteCSQQ1_T8kUjhKvWQigg1I1xZl6RixQnNBlt7SG586akDgEPA)> Acesso em 02/08/2017.

Em primeiro lugar, Paulo era judeu por nascimento (At 22:3); nasceu em Tarso da Cilícia. Ele foi criado dentro da fé judaica e educado em Jerusalém aos pés de Gamaliel. Era um fariseu, membro da seita mais rigorosa dos judeus, membro do sinédrio<sup>7</sup> judaico. Era um cidadão romano. Foi o mais severo perseguidor da igreja (1Tm 1:13), por meio de práticas violentas, cruéis e desumanas. Sua conversão a Cristo ocorreu no caminho de ida a Damasco, ao sofrer uma queda de um cavalo. De perseguidor implacável a missionário, Paulo de Tarso se transforma em o maior líder e o maior bandeirante do cristianismo (LOPES, 2009). No fluxo dessa descrição:

O apóstolo Paulo foi, certamente, o maior evangelista, o maior teólogo, o maior missionário e o maior plantador de igrejas de toda a história do cristianismo. Plantou igrejas nas províncias da Galácia, Macedônia, Acaia e Ásia Menor. Nenhum homem exerceu tanta influência sobre a nossa civilização. Nenhum escritor foi tão conhecido e teve suas obras tão divulgadas e comentadas quanto ele. (LOPES, 2009, p.9).

O tema do discurso reportado do enunciado da figura 7, **2 Co 11:27**, refere-se aos desafios da vida missionária do apóstolo Paulo. No livro de Atos, nos capítulos 16 e 19, há uma referência de que Paulo e sua equipe enfrentaram muitas dificuldades para a propagação do Evangelho por todo Império Romano. O resumo de sua experiência missionária de 20 anos está condensada na Segunda Carta aos Coríntios, mencionada no *meme*.

Esse referido capítulo é dividido em alguns blocos temáticos. Na referida tradução, aquele bloco que engloba (v. 16-33) o referido versículo está intitulado “Paulo orgulha-se dos seus sofrimentos”, ou em outras traduções, como a (ARC), recebe o subtítulo de “Os sofrimentos de Paulo por amor do Evangelho”, com sentido de tornar o texto como uma espécie de relato para os coríntios. Esse sofrimentos são assim descritos nessa ordem, entre os versículos (23-26) do referido capítulo: **“em trabalhos...em perigos de morte, muitas vezes”, “trinta e nove açoites”, “golpeado com varas”, “apedrejado”, “três naufrágios”, “uma noite e um dia exposto à fúria do mar” e “em perigos”**. Em resumo, no versículo 27, ele reconhece que seu trabalho missionário foi árduo, difícil, ao afirmar, encerrando todos esses percalços de infortúnio e tribulação: **“fiquei sem dormir”, “passei fome e sede”, “fiquei em jejum” e “suportei frio e nudez”**.

---

<sup>7</sup> O sinédrio era o concílio maior dos judeus, composto de setenta homens maduros, cuja função principal era legislar e julgar a vida religiosa do povo judeu.

O enunciado da figura 1, por seu turno, também carrega uma historicidade que o constitui. Primeiramente, embora este *meme* apareça sem a utilização das aspas, marca tipográfica, para referenciá-lo como discurso direto, é a referência bíblica (livro, capítulo e versículo) expressa que proporciona essa filiação ao que já foi dito, através de um discurso direto. Esse mecanismo enunciativo, no primeiro momento, pode gerar a ênfase nos termos em branco, os quais estão em destaque: “passei fome e sede” e “suportei frio e nudez”. Nessa exposição, os pastores, embora crentes nas Escrituras, parecem não concordar com tais afirmações. Estilisticamente, por meio dos destaques, o enunciador imprime uma tonalidade irônica ao confrontar os líderes religiosos às denúncias da mídia e ao discurso bíblico.

O Apóstolo Paulo também é o escritor da primeira epístola aos tessalonicenses, uma igreja situada na cidade de Tessalônica. É a primeira correspondência canônica do apóstolo para essa igreja. No plano do esboço do capítulo 5, Paulo estabelece várias regras para a igreja diante da iminência do arrebatamento, do “Dia do Senhor”. Ao aconselhar seus interlocutores a “estarem vigilantes” quanto a esse Dia, o referido apóstolo apresenta-lhes esse pedido materializados nos os versículos 1 e 2, os quais retratam esse evento escatológico descrito em uma linguagem apocalíptica.

Os termos “Dia do Senhor” e “ladrão de noite”, nesse contexto, segundo os comentários feitos por MacArthur (2010), respectivamente, correspondem: 1- dia para descrever castigos históricos próximos, dia do juízo, dia da ira e o “grande dia do Deus Todo-Poderoso”, no qual Ele cessará a pecaminosidade devastadora do mundo; 2- expressão usada para a vinda de Cristo para o dia do julgamento, afastando-se do sentido de arrebatamento da igreja. De certo, as duas expressões no referido versículo bíblico apontam para um evento messiânico, da Vinda de Cristo, amplamente pregado e anunciado pelos cristãos. Essas expressões são utilizadas com frequência nos escritos rabínicos com referência ao estabelecimento da era messiânica. Nesse entendimento, “a ideia é de subitaneidade, ou talvez de inevitabilidade.” (BRUCE, 2008, p. 2037).

Compreendendo as bordas desses versículos bíblicos, citados nos dois *memes*, percebemos que ambos locutores, de comunidades divergentes, constroem o “seu projeto enunciativo”, a partir de uma relação dialógica, dada a partir dessas citações diretas, promovendo retomadas dos enunciados e, conseqüentemente, avaliações sobre os sujeitos envolvidos. Para sustentar sua tese, o locutor joga na linguagem a reinscrição do outro. Verificaremos isso nos rastros semânticos e genéricos da alteridade.

A inscrição do discurso do apóstolo Paulo, conforme apresentado na figura 1, a partir dos grifos em cor branco, “passei fome e sede” e “suportei frio e nudez”, aludem ao sofrimento, já descrito, desse apóstolo. Mas, quando é reinserido no *meme*, é retomado por um discurso irônico de negação, atribuído aos três pastores já descritos nesta seção: Edir Macedo, Valdemiro Santiago e Silas Malafaia, os quais, respectivamente, assumem posicionamentos de negação ao discurso bíblico, marcados em “é encosto!”, “não é dizimista!” e “tem algo errado em sua vida!”.

Como se percebe na ordem, essas três proposições atribuídas funcionam como uma resposta ao dizer de Paulo. Ocorre que cada resposta possui um fio dialógico condutor de historicidades específicas e de performances já conhecidas. Inicialmente, o que chama a atenção é o fato de os três, na visão dos enunciadorees, renunciarem o sofrimento e as intempéries a que os apóstolos, mais especificamente Paulo, estavam sujeitos. Esse locutor nos faz acreditar, por meio de sua “tese”, que esses pastores não são verdadeiros cristãos, quando por meio da repulsa ao discurso paulino, reforçam negativamente aquilo que acreditam quanto ao sofrer por “amor a Cristo”. Esse locutor nos faz acreditar que esses sujeitos, em busca de status e de riqueza, defendem que o sofrimento é coisa do diabo, dá-se em função de ser ou não dizimista, que o crente em Deus não passa nenhuma provação, por exemplo.

Essa apreciação dos enunciadorees sobre os dizeres representados — da representação do discurso de Paulo e a negação do dizeres dos apóstolos a este — constrói um ponto de vista que corresponde a apreciações negativas endereçadas aos pastores que negam a Bíblia, em virtude da obtenção do lucro, por meio do dízimo, por exemplo.

No enunciado da figura 2, o locutor retoma o discurso de Paulo de advertência quanto ao dia da volta do Senhor para os cristãos, salvaguardando-os de que o Messias Prometido viria como um ladrão. Esse termo é ressignificado no *meme*, pois na acepção de Paulo, estaria ligado ao modo inesperado da Vinda de Cristo. No entanto, nesse enunciado verbo-visual, a partir da foto do Bispo Edir Macedo, o efeito de sentido gerado é enquadrar o referido bispo como sendo um ladrão.

O que nos autoriza, enquanto analistas, a ler esse enunciado dessa forma é o fato de o trecho bíblico servir como prerrogativa que dá as “pistas linguística e visual” ao leitor para que este estabeleça a associação a Edir Macedo. Na proposição, “mal sabem eles que Edir Macedo chegou mais cedo”, o locutor assume uma apreciação dupla. Nega, a partir do “eles”, que os fiéis da IURD não sabem que são roubados, ou não têm consciência disso. Torna, a partir de

um jogo alusivo à figura bíblica do **ladroão**, a estereotipação de Edir Macedo como sendo um assaltante que age de forma silenciosa, sorrateira e, até mesmo, inesperada, comparando-o ao ladrão apontado pelo discurso de Paulo.

Em suma, a questão nevrálgica desse mecanismo mobilizado pelos enunciadores tem sempre um interesse, um propósito. Ao retomar o discurso do outro, como vimos, os locutores apreciam, avaliam, reforçam seus pontos de vista, a partir da escolha das palavras e das formulações que se dão no enquadramento do discurso reportado. Promovem, através de seus projetos enunciativos, reacentuações apreciativas do discurso bíblico, por meio das escolhas estilísticas, das imagens, dos trechos dos versículos selecionados, a fim de ironizar as condutas dos pastores neopentecostais, bem como de denunciá-las.

Se por meio do discurso reportado no *meme*, encontramos uma estratégia de reforço na argumentação do locutor, o aspecto estilístico também é imbuído de marcas ideológicas e, por assim, serve para apreciação.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos, com a realização desta pesquisa, possibilitaram-nos compreender que a escolha de uma palavra já é, por natureza, uma apreciação valorativa, discursivamente empregada com força ideologicamente argumentativa. Além disso, é oportuno entender que os *memes*, enquanto enunciados concretos, de materialidade verbo-visual, são repletos de contornos entoacionais, isto é, de tonalidades apreciativas.

Em suma, os *memes* analisados têm como traço marcante a valoração de pastores a partir de um ponto de vista negativo, depreciativo. Para cumprir tal efeito, a apreciação expressa pelo mecanismo da comparação funciona como uma referência cruzada para contrapor, assemelhar, ironizar esses sujeitos, em função do discurso sarcástico e humorístico.

Concluimos, ainda, que, ao retomar o discurso do outro, os locutores apreciam, avaliam, reforçam seus pontos de vista, a partir da escolha das palavras e das formulações que se dão no enquadramento do discurso reportado. Promovem, através de seus projetos enunciativos, retomatizações e reacentuações, com vistas a refutar, denunciar, criticar, ironizar os pastores neopentecostais.

## REFERÊNCIAS

- CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro da. Dialogismo em Bakhtin e Lakubinskii. In: *Investigações: Lingüística e Teoria Literária*, Recife: UFPE, v. 18, n. 2, p. 103-114, jul. 2005.
- BAKHTIN, Mikhail. *Os gêneros do discurso*. Paulo Bezerra (Organização, Tradução, Posfácio e Notas); Notas da edição russa: Seguei Botcharov. São Paulo: Editora 34, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Estética da criação verbal*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2011.
- \_\_\_\_\_. *Para uma filosofia do ato responsável*. Tradução aos cuidados de Valdemir Miotello & Carlos Alberto Faraco. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- \_\_\_\_\_. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. São Paulo: Hucitec/Anablume, 2002.
- BÍBLIA, Português. *A Bíblia Sagrada: Antigo e Novo Testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e corrigida no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2009.
- BÍBLIA, Português. *Bíblia de Estudo MacArthur*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Edição rev. e atualizada no Brasil. Brasília: Sociedade Bíblia do Brasil, 2010.
- BRAIT, B. *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. 2 ed. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2005.
- DEMO, Pedro. *Leitores para sempre*. Porto Alegre: Mediação, 2006.
- FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FIORIN, José Luiz. *Introdução ao pensamento de Bakhtin*. São Paulo: Contexto, 2016.
- JABLONKA, Edyta. *Do emoticon ao meme: Evolução dos símbolos na comunicação virtual*. 2012. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/actas/article/view/15558>. Acesso em 30 de setembro de 2017.
- LOPES, Hernandes Dias. *Paulo, o maior líder do cristianismo*. São Paulo: Hagnos, 2009.
- MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. 2.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2015.
- PONZIO, Augusto. Problemas de sintaxe na linguística da escuta. In: BAKHTIN, M.M.; VOLOCHÍNOV, V.N. *Palavra própria e palavra outra na sintaxe da enunciação*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011. p. 7-57.

VOLÓCHINOV, V. N. *Marxismo e filosofia da linguagem: Problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2017.

\_\_\_\_\_. (Do Círculo de Bakhtin). *A construção da enunciação e outros ensaios*. Organização, tradução e notas de João Wanderley Geraldi. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

RECUERO, Raquel. *Redes sociais na internet*. Porto Alegre: Sulina, 2009.